

Vôo baixo já esvazia ninho

“São apenas futricas”, reagiu ontem o senador José Richa (PR), ao rebater as críticas dos próprios tucanos contra a morosidade no andamento da campanha do senador Mário Covas (SP). O partido vive hoje sua primeira crise interna, concretizada sobretudo com a perda de dois deputados — Beth Azize (AM) e Renan Calheros (AL) —, que se mudaram para o PDT e o PRN, e pela decisão da deputada Dirce Tutu Quadros (SP) de apoiar a chapa do PMDB na eleição presidencial.

Tutu argumenta que o desejo de criar um partido diferente dos demais, “mais sólido e sem improvisos”, falhou pela ausência de traquejo político. E o que se vê, segundo a deputada, “é uma panelinha fechada, comandada por Covas e sua turma”. O candidato à Presidência da República diz que ignora todas as queixas que não forem feitas pessoalmente. “Não vou discutir isto através dos jornais”, assegurou, insistindo que nada em sua campanha se prenderá apenas ao lado emocional.

A falta de traquejo apontada pela deputada se faz sentir sobretudo na burocracia criada dentro do próprio partido, com seis coordenações, um conselho político e uma estrutura impessoal, muito distante do quadro partidário nacional. Um deputado conta que pensou em sair do PSDB quando teve que submeter à triagem do senador Fernando Henrique Cardoso um documento que seria entregue a Mário Covas. Mas mudou de idéia, convencido de que não poderia abandonar “o melhor candidato existente”.

Segundo o deputado Juares Marquez Batista (MS), são improcedentes as reclamações contra a falta de trabalho na campanha, se cada um deles recebeu um ofício da liderança da Câmara, pedindo sugestões por escrito. Para Saulo Queiroz (MS), a preocupação não deveria se ater aos resultados imediatos. “O que importa é a segunda etapa da eleição”, entende.

Mas Tutu lança a maior parte da culpa ao coordenador da campanha, senador Richa: “Uma infelicidade, totalmente inábil, a ponto de não conseguir estruturar o partido no Paraná”. Richa contrargumenta dizendo que as queixas publicadas na imprensa deixam de existir “nos encontros pessoais. Sai nos jornais e a pessoa vem dizer que não disse aquilo”, afirmou, sem se referir especificamente à deputada.

O senador entende que o partido só pode ser acusado hoje de extrema fidelidade à legislação, não só na sua formação, como em relação à campanha eleitoral.